

Interseções entre a historicidade da língua  
e a historicidade do texto  
sob a ótica das Tradições Discursivas



LaborHistórico

Volume 4 - Número 2 - jul./dez. 2018

# Sumário

<b>Apresentação</b>	10
---------------------	----

---

*Cleber Alves de Ataíde*  
*Valéria Severina Gomes*

## Dossiê Temático

<b><i>Como formar um público culto? Necrológio para a tradição discursiva Guia de Parque Zoológico</i></b>	13
--	----

---

*Iryna Gaman*  
*Konstanze Jungbluth*

<b><i>Cartas oficiais dos séculos XVIII e XIX: aspectos pragmáticos, textuais e linguísticos</i></b>	34
--	----

---

*Maria Cristina de Assis*  
*Maria das Graças Carvalho Ribeiro*

<b><i>Tradições discursivas em anúncios de fugitivos nos jornais do Recife</i></b>	48
--	----

---

*Ana Karine Pereira de Holanda Bastos*

<b><i>O anúncio publicitário na escatologia dos folhetos de cordel</i></b>	69
--	----

---

*Linduarte Pereira Rodrigues*

<b><i>Um estudo das formas verbais imperativas em cartas pessoais dos séculos XIX e XX</i></b>	81
--	----

---

*Aldeir Gomes da Silva*

# Varia

*A variação diatópica dos pronomes pessoais Tu e Você  
em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX* 92

---

*Cleber Alves de Ataíde  
Tallys Júlio Souza Lima*

*Variação sociolinguística e dialetológica: um estudo contrastivo entre Cuiabá e Covilhã* 104

---

*Jussara Maria Pettenon Dallemole  
Paulo Osório  
Maria de Jesus Carvalho Patatas*

*Toponímia menor e conservadorismo lingüístico:  
algúns exemplos contemporâneos da cidade da Coruña* 135

---

*Xosé Manuel Sánchez Rei*

# A variação diatópica dos pronomes pessoais *Tu* e *Você* em cartas de amor do sertão pernambucano do século XX

*The variation of the pronouns Tu and Você in love letters from Pernambuco written in the 20<sup>th</sup> century*

Recebido em 16 de julho de 2018. | Aprovado em 23 de agosto de 2018.

DOI: <https://doi.org/10.24206/lh.v4i2.17500>

Cleber Alves de Ataíde <sup>1</sup>

Tallys Júlio Souza Lima <sup>2</sup>

**Resumo:** O presente trabalho tem por objetivo apresentar os resultados da investigação sobre a variação de uso das formas de tratamento *TU* ~ *VOCÊ* na função sintática de sujeito em cartas de amor produzidas, nas décadas de 50 e 70, por dois casais não-ilustres de uma comunidade rural do sertão pernambucano. Para analisar a alternância das formas tratamentais, consideramos o aporte teórico-metodológico da Linguística de *corpus*, da Sociolinguística Histórica e Variacionista, a fim de verificar a atuação dos seguintes fatores na variação das formas: categorias preenchida e não-preenchida do sujeito e o paradigma de concordância S-V. Na análise quantitativa, evidenciamos o uso do subsistema de tratamento *Você/Tu* (LOPES; CAVALCANTE, 2011). E, levando em consideração o paradigma de concordância, podemos evidenciar que, na documentação remanescente ao período analisado, já havia vestígio do atual subsistema de tratamento empregado no estado de Pernambuco: uso de *Tu/Você* com nível de concordância média (SCHERRE *et. al.*, 2009; 2015; 2018).

**Palavras-chave:** Formas de tratamento; Variação; Cartas de amor.

**Abstract:** The current research intends to analyze the variation of the two singular forms to address *TU* and *VOCÊ* in love letters from the State of Pernambuco in the decades of 50 and 70. To analyze the alternation of address forms, we consider the methodological-theoretical contribution from the Linguistics of corpus, Historical Sociolinguistics and Variationist Sociolinguistics (LABOV, 1972 [2008]). Thus, we intend to examine the performance of the following factors: the characteristics of filling or not filling of category syntactic subject of the sentence and the agreement paradigm S-V. In the quantitative analysis, we found use of the treatment subsystem subsystem *Você/Tu* (LOPES; CAVALCANTE, 2011). And about the agreement paradigm, we found in love letters current vestiges of treatment subsystem using Pernambuco's states: use of the *Tu/Você* with average agreement level (SCHERRE *et. al.*, 2009; 2015; 2018).

**Keywords:** Forms of address; Variation; Love letters.

<sup>1</sup> Professor Adjunto da Universidade Federal Rural de Pernambuco, *campus* de Serra Talhada, e coordenador do Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc/CNPq/Facepe). [cleberataide@gmail.com](mailto:cleberataide@gmail.com).

<sup>2</sup> Bolsista de Iniciação Científica do Laboratório de Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc/CNPq/Facepe) e aluno de graduação em Letras da Universidade Federal Rural de Pernambuco. [tjlima.ramos787@gmail.com](mailto:tjlima.ramos787@gmail.com).

## Introducción

Traçando o percurso histórico das formas de tratamento nas línguas românicas, Brown e Gilman (1960) constataram que, até o século IV, só existiam duas formas para se dirigir ao interlocutor: O *TU* para uso no singular e o *VÓS* para o plural. A partir desse período, o pronome *VÓS* passou a atender a um sujeito específico na camada social: o Imperador. Assim, o pronome *VÓS* ficou semanticamente carregado por deferência a alguém hierarquicamente superior na esfera do poder. Cintra (1975) afirma que *TU* (íntimo), *VÓS* (cerimonioso) e *VÓS* (plural) chegaram à Península Ibérica no século XIII. No século XIV, Said Ali (1976), identificou que a locução nominal *VOSSA MERCÊ* já era empregada como título honorífico para a terceira pessoa do singular, embora originariamente estivesse relacionada como o pronome da segunda pessoa.

Em consonância com Marcotulio (2010), Menon (1995), Lopes, Rumeu e Marcotulio (2011), acreditamos que as transformações econômicas e sociais percorridas ao longo dos séculos desencadearam uma reorganização estrutural da sociedade e, conseqüentemente, do sistema linguístico de tratamento como um todo. No Brasil, a entrada dos pronomes *VOSSA MERCÊ* e *VOCÊ* decorrem da chegada de portugueses não aristocratas ao território recém-conquistado. A forma de deferência hierárquica, nesse período, já não se apresentava com semântica de poder e era empregada de forma generalizada pelos portugueses que aqui chegaram (FARACO, 1996). De acordo com dados apresentados por Menon (2006), no século XVI, o pronome se vulgariza, passando de honorífico a comum e de comum a vulgar. Lopes e Duarte (2003) datam o século XVIII como início do processo de pronominalização de *VOSSA MERCÊ*, e o início do século XIX como a efetiva gramaticalização de *VOCÊ*.

Já implementada no sistema pronominal do Português brasileiro, a forma inovadora *VOCÊ* generaliza-se e passa a coexistir no sistema como estratégia de referência para a segunda pessoa do singular ao lado do *TU* íntimo. Mesmo com a constatação de fatores sociopragmáticos, históricos e culturais distintos entres as sub-regiões brasileiras, Sousa (2012) afirma que é possível delinear três grandes fases sobre o comportamento dos elementos linguístico em questão:

- Fase 1: 1870-1899: *Tu* era mais frequente que *Você*;
- Fase 2: 1900-1929: *Tu* e *Você* em plena variação;
- Fase 3: 1930-1989: Predomínio de *Você* sobre *Tu*

A partir dessas constatações, o presente artigo tem por objetivo analisar o comportamento das formas variantes *TU* e *VOCÊ* em posição sintática de sujeito, considerando as categorias de realização preenchida e não preenchida, como também a relação de concordância sujeito-verbo (S-V) entre as formas. A partir do controle desses fatores intralinguísticos, propomos identificar, em cartas de amor sertanejas dos anos 50 e 70: 1) Se há vestígios das atuais diferenças existentes no subsistema pronominal do português do Brasil; 2) como se configura o comportamento das formas a partir das ocorrências de variação na posição de sujeito?; 3) qual a preferência de realização categórica do sujeito nas décadas de 50 e 70?; 4) a qual fase histórica o comportamento dos elementos linguísticos na posição de sujeito pertence?

Para o desenrolar dos objetivos aqui propostos, adotamos como referencial teórico-metodológico o levantamento apresentado por Scherre *et al.* (2009; 2015 e 2018) de estudos sincrônicos desenvolvidos em dados de oralidade e a sintetização adaptada deste estudo apresentada por Lopes e Cavalcante (2011). A primeira autora propõe, com base em estudos empreendidos até o ano de 2012, a existência de seis subsistemas de tratamento no português brasileiro, atendo-se para a sua organização ao controle da concordância estabelecida entre os elementos sintáticos sujeito e verbo (S-V). Seriam eles: 1) só-*Você*; 2) *Tu* com concordância baixa; 3) *Tu* com concordância alta; 4) *Tu/Você* com concordância baixa; 5) *Tu/Você* com concordância média e 6) *Você/Tu* sem concordância. Lopes e Cavalcante (2011) sumarizaram os seis subsistemas em três níveis para pesquisas de cunho diacrônico, isso se não for levado em consideração o fator intralinguístico da concordância S-V, são eles: 1) *Você*-exclusivo; 2) *Tu*-Exclusivo e 3) *Você/Tu*.

Para realizar a análise considerando esses fatores linguísticos, constituímos um *corpus* de cartas pessoais, do subgênero amor, as quais foram recolhidas no arquivo privado de uma família que vive/viveu na zona rural do município de Triunfo (Sítio Brejinho) e de um remetente oriundo da zona rural do município de Flores (Fazenda Poção), ambos os municípios localizados no interior do estado de Pernambuco, no alto sertão do Pajeú. As

epístolas, transcritas seguindo as normas semidiplomáticas estabelecidas no âmbito do Projeto para História do Português Brasileiro (PHPB), foram coletadas durante a execução do projeto intitulado *Banco Informatizado de Textos (BIT): a construção de um corpus de manuscritos e impressos pernambucanos do século XVIII, XIX e XX*. Os textos encontram-se disponíveis na plataforma digital do Laboratório de Edição e Documentação Linguística de Pernambuco (LeDoc), sobre a coordenação do Professor Dr. Cleber Ataíde.

## 1. Os subsistemas de tratamento em contexto de variação diatópica

Apesar das limitações encontradas por pesquisadores na tentativa de compor um mapeamento completo sobre a situação atual do sistema pronominal do português brasileiro nas cinco regiões do país, já se cogitam algumas hipóteses no âmbito das análises sincrônicas e diacrônicas sobre os subsistemas de tratamento vigentes em algumas localidades específicas do território brasileiro. Num levantamento promovido por Scherre *et al.* (2009), e revisado em 2015, os autores apresentam uma visão de conjunto desenvolvida a partir de resultados globais extraídos do universo de 29 mil dados de amostras diversificadas, sobre o uso dos pronomes pessoais "você", "cê", "ocê" e "tu" para a segunda pessoa do singular, identificado na fala sincrônica de brasileiros.

A partir de então, depreende-se que o sistema tratamental do português brasileiro oferece a sua pluralidade de falantes, pelo menos, seis subsistemas de referência à segunda pessoa do discurso. Levando em consideração o fator concordância (S-V) com o pronome TU e o quantitativo geral das ocorrências relativas à forma tradicional em posição de sujeito, Scherre *et al.* (2009, 2015; 2018) apresentam os subsistemas coexistentes sincronicamente no território brasileiro para referência a segunda pessoa. Seriam eles:

1. VOCÊ: uso exclusivo das formas você/cê/ocê;
2. TU com concordância baixa: predomínio de TU acima de 60% com concordância abaixo de 10%;
3. TU com concordância alta: predomínio de TU acima de 60% com concordância entre 40% e 60%;
4. TU/VOCÊ com concordância baixa: uso médio de TU abaixo de 60% com concordância 10%;
5. TU/VOCÊ com concordância média: uso médio de TU abaixo de 60% com concordância entre 10% e 39%;
6. VOCÊ/TU sem concordância: uso de TU de 1% a 90%.

O emprego desses pode variar de região para região do país, como mostra o quadro a seguir:

Regiões Subsistemas	Centro-Oeste	Sudeste	Nordeste	Norte	Sul
Só VOCÊ	Goiás Mato Grosso Mato Grosso do Sul	Espírito Santo Minas Gerais São Paulo	Bahia	Tocantins	Paraná
Mais TU com concordância baixa				Amazonas	Rio Grande do Sul
Mais TU com conc. alta				Pará	Santa Catarina
TU/VOCÊ com conc. baixa			Maranhão	Tocantins	Santa Catarina
TU/VOCÊ com conc. Média			Maranhão Piauí Ceará Paraíba Pernambuco	Amazonas	Santa Catarina
VOCÊ/TU	Distrito Federal	Rio de Janeiro São Paulo Minas Gerais	Maranhão Bahia	Roraima Acre	

Quadro 1. Síntese adaptada das distribuições dos seis subsistemas dos pronomes de segunda pessoa por região e estado.

Fonte: Scherre *et al.* (2015, p. 141).

Numa perspectiva diacrônica, Lopes e Cavalcante (2011) defendem que em alguns modelos de análise, se não for levado em conta o fator da concordância, os seis subsistemas podem ser reagrupados em três níveis: (1) *Você-exclusivo*, (2) *Tu-exclusivo* e (3) *Você/Tu*. Consonante Lopes, Marcotulio, Rume *et al.* (2018), tal 'amalgama' sugerida pelas autoras é passível de aplicação em estudos de caráter histórico, pois, por se tratarem de análises em textos escritos, a concordância ou até mesmo as marcas desinenciais de segunda pessoa discursiva aparecem registradas nos textos.

A partir desse, em um estudo diacrônico sobre a variação das formas de tratamento em 100 anos de produção escrita por pernambucanos residentes na capital (1869-1969), Gomes e Lopes (2016) postularam constatações importantes sobre o fenômeno na região Nordeste, analisando cartas pessoais produzidas por escreventes ilustres e não-ilustres com alto nível de escolaridade. No cômputo geral sobre as ocorrências de variação das formas pronominais *TU* e *VOCÊ* na função de sujeito, ao logo do tempo, as autoras levantaram um total de 343 dados e evidenciaram que o maior número de ocorrências desses mantém-se para o uso da forma inovadora *VOCÊ*, com 279 dados (81%) contra 64 dados de *TU* (19%). Em linha cronológica, pôde-se evidenciar a competição das duas formas de tratamento a partir dos seguintes aspectos:

- I. Supremacia de *Tu* (92%) em fins do século XIX (1870-1879);
- II. Predomínio de *Você* entre 1880-1900;
- III. Menor polaridade entre *TU* e *VOCÊ* em dois períodos da primeira metade do século XX: década de 1900-1910 e década de 1920-1929;
- IV. Generalização de *Você* a partir de 1930.

As autoras constataram que tal comportamento não difere do que foi encontrado em outras localidades do país sobre análise de documentação histórica compreendida no mesmo período. Sendo assim, tanto em Pernambuco quanto no Rio de Janeiro, por exemplo, há evidências do subsistema *VOCÊ/TU* como tratamento para a 2ª pessoa do singular (LOPES; RUMEU, 2015; SOUSA, 2012; LOPES; CAVALCANTE, 2011; MARCOTULIO, 2010).

Diante dessas evidências, a nossa investigação passa a considerar duas grandes hipóteses para o *corpus* de cartas rurais sertanejas, escritas por personalidades não-ilustres, com nível de escolaridade relativamente baixo, no interior pernambucano: 1) existem na documentação remanescente à segunda metade do século XX (1956/58 – 1972/77), vestígios do atual subsistema de tratamento *VOCÊ/TU* detectado por Gomes e Lopes (2016) e Scherre *et al.* (2009, 2015; 2018); 2) A documentação escrita nesse período está enquadrada na terceira grande fase histórica do comportamento variável de uso do *TU~VOCÊ* e que, considerando os fatores de concordância S-V, há predomínio do subsistema de tratamento *TU/VOCÊ* com concordância média: *Tu* < 60% como concordância de 10% a 69%.

## 2. O *corpus* de análise e o perfil dos escreventes

Com o intuito de contribuir com nossos dados sobre a variação dos pronomes pessoais *TU* e *VOCÊ*, no estado de Pernambuco, selecionamos uma amostra de textos constituída por 138 cartas, pertencentes ao subgênero Carta de Amor, compreendidas na segunda metade do século XX (1956/1958 e 1972/77). As epístolas pertencem ao arquivo privado da Família Ramos, que residiu/reside na zona rural do interior do estado, mais especificamente na cidade de Triunfo. O *corpus* é composto por 22 cartas dos anos 50 e 116 cartas dos anos 70.

Por intermédio de um questionário sociolinguístico, utilizado por Almeida (2014), extraímos algumas informações sociais sobre os escreventes por meio dos concessores dos materiais. As cartas analisadas narram diferentes fases da história de amor dos dois casais de nordestinos não-ilustres.

No contexto dos anos 50, a primeira **Missivista Feminina (1)** (M.R.): nasceu na comunidade rural do sítio Brejinho no ano de 1940. Quando criança foi alfabetizada no nível escolar de primeiras letras. No entanto, para o contexto sociocultural da época e da região, as pessoas que detivessem esse grau de instrução eram consideradas privilegiadas dentre os demais. Quando adulta, a missivista ocupou-se com atividades de costura e redação de testamentos e inventários de terras. No mais, era praticante veemente do catolicismo e dedicava-se à vida de esposa, doméstica e mãe.

As cartas escritas por M.R. endereçavam-se ao **Missivista Masculino-Narrador (1)** (R.S.) que nasceu na mesma comunidade que sua destinatária, no ano de 1935. Trabalhou como agricultor e tirador de trempe (funções designadas para quem trabalha em um dos processos de cozimento da rapadura) no engenho da família de sua amada. O missivista não possuiu nível de escolaridade, sendo assim suas cartas eram ditadas para um redator. Nesse caso, estamos considerando a “escrita” das epístolas do remetente R.S. como *escrita delegada*, uma vez que o conteúdo empregado no texto é de autoria do sujeito R.S., embora a materialização da língua na modalidade de texto escrito seja realizada por um terceiro personagem, o missivista redator.

O **Missivista Redator (1)** (T.Q.): ocupou o cargo de presidente do sindicato dos trabalhadores rurais do município de Triunfo-Pe, trabalhou como cozinheiro de rapadura, agricultor e professor, apenas de homens. O referente missivista não tinha formação de nível superior para exercer a profissão docente, embora fosse considerado um dos grandes sábios daquela região, já que era um dos poucos letrados da em sua época.

No contexto dos anos 70, temos a **Missivista Feminina (2)**<sup>3</sup> (C.R.): nasceu no dia 25 de outubro de 1952, no Sítio Brejinho, zona rural do município de Triunfo. Teve formação superior (1997) em Biologia com complementação em Matemática e atuou como professora por mais de 15 anos. Na infância, manteve contato contínuo com jornais, livros e demais suportes e gêneros textuais de natureza diversa que, segundo a informante, a tornaram autodidata no processo de alfabetização. Em 1957, ingressou em uma escola pública regular, estabelecida em sua comunidade rural; frequentou a instituição até a 4ª série do ensino fundamental e, logo após esse período, cessou os estudos por cinco anos, retomando-os em 1969 no Colégio Stella Maris, no qual formou-se em magistério no ano de 1976. Segundo a escrevente, o relacionamento afetivo com o destinatário de suas cartas teve início em 1º de janeiro de 1972 e se consolidou em casamento no dia 1º de julho de 1978.

O destinatário das cartas de C.R., **Missivista Masculino (2)** (J.G.): nasceu no dia 25 de abril do ano de 1954, no município de Floresta, interior do estado de Pernambuco. Residiu até os 17 anos no Sítio Fazenda Porção, zona rural de sua comunidade natal, na qual, estudou da primeira à quarta série do ensino fundamental regular. Posteriormente, iniciou o curso supletivo, já no município de Triunfo (PE). Terminado o segundo ciclo de sua escolarização, deu continuidade aos seus estudos no Ensino Médio Regular (antigo 2º grau). Em meados desse período, mudou-se para a comunidade de Custódia (PE). Por lá, reiniciou seus estudos (Ensino Médio Supletivo) dando posterior continuidade na cidade de Arcoverde, agreste pernambucano. Já residindo neste município, ingressou na carreira militar e ficou impossibilitado de concluir o restante de sua escolarização.

### 3. Análise e enquadramento sistêmico das formas de tratamento

Originária da forma nominal de tratamento cortês *Vós > Vossa Mercê*, que leva o verbo para a terceira pessoa do singular, o *VOCÊ* manteve algumas propriedades sintáticas funcionais que resultaram em uma reorganização do sistema pronominal como um todo.

Revisando alguns estudos sobre o tema (LOPES; MACHADO, 2005; LOPES *et al.*, 2009; RUMEU; 2008; MARCOTULIO, 2008), realizados em cartas pessoais produzidas no Brasil, entre os séculos XIX e XX, evidenciamos que a implementação da forma de tratamento *VOCÊ* ocorreu com maior influência em algumas ambientações sintáticas do que em outras. Entre os séculos XIX e XX, já era possível observar esses ambientes de maior e menor funcionalidade. Enquanto pronome pessoal de segunda pessoa, o *VOCÊ* instaurou-se preferencialmente como sujeito em categoria preenchida, ainda que hajam outras ambientações sintáticas que se mostrem favoráveis à funcionalidade da forma como, por exemplo, complemento preposicionado e imperativo subjuntivo (MARCOTULIO; LOPES; RUMEU, 2011).

Partindo desse pressuposto, esta análise buscou investigar o comportamento variável dos pronomes de tratamento *TU* e *VOCÊ* em cartas de amor sertanejas, compreendidas nos anos 50 e 70, controlando os seguintes fatores intralinguísticos: posição sintática de sujeito, categoria preenchida e não preenchida das formas e a relação de concordância sujeito-verbo (S-V). Para a descrição dos resultados, dividimos a análise em quatro fases subsequentes. Primeiramente, levantamos o cômputo geral de ocorrências das formas pronominais na posição sintática de sujeito, nas duas décadas do século XX. Em seguida, observamos o comportamento dos pronomes nas categorias preenchidas e não preenchidas de sujeito. Na terceira fase, controlamos o fator de concordância S-V e, por fim, realizamos uma análise comparativa entre as duas décadas observadas, levando em consideração a

<sup>3</sup> Ressalta-se que as missivistas femininas desse *corpus* mantinham uma relação assimétrica descendente (Tia-Sobrinha).

amostra de dados sobre a posição sintática de sujeito e a realização das formas preenchida e não preenchida. Ressaltamos que as análises aqui empreendidas ainda detêm caráter preliminar.

### 3.1 Análise

No cômputo geral das ocorrências de *TU* e *VOCÊ* na posição sintática de sujeito, em meados dos anos 50, obtivemos os seguintes resultados:

Formas de tratamento na posição de sujeito	Ocorrências	%
TU	38/77	49,4%
VOCÊ	39/77	50,6%
<b>Total:</b>	<b>77</b>	<b>100%</b>

Quadro 2. Ocorrências gerais dos anos 50.

Fonte: os autores.

As formas variantes apresentaram-se num universo total de 77 dados. A funcionalidade de ambas no subsistema de tratamento *Você/Tu* aparece praticamente proporcional. Embora o pronome inovador (*VOCÊ*) apresente-se com uma ocorrência a mais (39), a forma canônica *TU* resiste equiparada com praticamente a mesma quantidade de ocorrência (38). Os exemplos (1) e (2) ilustram alguns casos.

- (1) “[...] **tua** simpatia me domina feliz me consi- | dero somente em **ti** amar apesar das | minhas fraquesas, mais isto é natural | [fol. 1v] que o amôr não olha nada, olha so- | mente a firmesae **sabendo que você não | me ama, não me considera, e somente | por fingimento, tudo isto sucede.** Nada | mais onde se aproxima de mim as gran- | des [recordação]com meu aperto de mão | de tar sempre esquecido [...]” (CA\_M\_1956 – LeDoc)
- (2) “[...] Maria o | que **lhe** contaram de mim é uma | desvalada mentira porque no meu | coração não há mais vaga para ou= | traio **vacuo que tinha no meu cora | çãotú<↑ só> foi capaz de preencher; tú | somente és a dona do meu coração | e mercedõra do meu amor porque | eu **te** amo com toda sinceridade.** | | Aqui termino com muitas lembran= | ças para **ti**. Eu que te amo de verdade [...]” (CA\_M\_1957 – LeDoc)

Observando mais criteriosamente os excertos acima, notamos também a equivalência funcional das duas formas de tratamento *TU* e *VOCÊ* através da mistura paradigmática no emprego dos pronomes correlatos: possessivo e oblíquos. No excerto (1), nota-se o uso de *VOCÊ* como pronome-sujeito e a incidência dos pronomes oblíquo tônico e do possessivo (*ti* e *tua*) relacionados à forma canônica *TU*. Em (2), observamos o caso inverso, enquanto *TU* é empregado como pronome-sujeito, há incidência do paradigma de 3P (*lhe* – pronome átono). Outro fator interessante a ser destacado é a funcionalidade mista da concordância entre o pronome-sujeito *TU* e o verbo com marcação de desinência em 2P e 3P.

Na década de 70, encontramos três variantes para a segunda pessoa do discurso nas cartas sertanejas: *VOCÊ*, *OCÊ* e *TU* no universo de 740 dados. A ocorrência da forma *OCÊ* pode ser considerada uma peculiaridade na região, uma vez que a visão de conjunto proposta por Sherre *et al.* (2009; 2015; 2018) retrata a realidade linguística da forma *OCÊ* típica de localidades que utilizem o subsistema de tratamento só-*Você*. O quadro 3, a seguir, expõe o percentual de ocorrências de cada variante encontrada.

Formas de tratamento na posição de sujeito	Ocorrências	%
TU	153/740	20,7%
VOCÊ	586/740	79,2%
OCÊ	1/740	0,1%
<b>Total</b>	<b>740</b>	<b>100%</b>

Quadro 3. Ocorrências gerais dos anos 70.

Fonte: os autores.

No geral, evidenciamos a hegemonia de uso do pronome-sujeito *VOCÊ*, com 79,2% das ocorrências (586 dados), seguido pela forma *TU* com 153 ocorrências, o equivalente a 20,7% e apenas (0,1%) de ocorrência da variante reduzida *OCÊ*. Os excertos (3), (4) e (5) ilustram alguns desses casos.

- (3) “[...] Sei que a falta | de portador não foi, porque **tive notícia que você veio em | Triunfo a semana passada**. Também **estou certa que você recebeu | uma carta minha não recebeu?** (CA\_F\_1972 – LeDoc)
- (4) “[...] Olha João o que leva-me a| escrever-te é justamente isto, pois eu queria muito que **tu continuasse| como eras antes**; um homem, Homem de verdade e não se-deixar-se| levar pela cabeças de colegas. O homem que não zela pela sua moral| ou melhor que não tem fossas morais ele não é homem, pois não| passa de um animal [...]” (CA\_F\_1975 – LeDoc)
- (5) “[...] Uma novidade; Dona Lia andou aqui e trouxe| um queijo para mim, **desta vez ocê perdeu**. Estava ótimo!| Mariinha veio com Calinda sexta feira; ainda está aqui [...]” (CA\_F\_1975 – LeDoc)

No que diz respeito às categorias de sujeito preenchido e não-preenchido, constatamos as seguintes evidências para as cartas dos anos 50:

Variável intralinguística	VOCÊ	TU	TOTAL
<b>Sujeito preenchido</b>	25/39 (64,1%)	34/38 (89,5%)	59/77 (76,6%)
<b>Sujeito não-preenchido</b>	14/39 (35,9%)	4/38 (10,5%)	18/77 (23,4%)
<b>TOTAL</b>	<b>39/77</b>	<b>38/77</b>	<b>77 (100%)</b>

Quadro 4. A categoria de sujeito preenchido e não-preenchido nos anos 50.

Fonte: os autores.

É possível observar, na tabela acima, que ambas as formas de tratamento mostram-se mais produtivas na categoria de sujeito preenchido. No universo particular do pronome-sujeito *VOCÊ*, percebemos a preferência de 64,1% das ocorrências para a forma preenchida. O *TU*, por vez, mantém-se resistente na mesma, apresentando-se com 89,5% das ocorrências. Os exemplos (6) e (7) expõem alguns casos.

- (6) “Maria no dia santo de quinta- |feira, eu não procurei falar | **com você porque você estava | com Luiz e Regina senti acan- | hamento**procurar conversar | com você diante deles. Mas é | verdade que ninguém ama | sem sofrer e quanto mais | forte o amor maior é o sofrimen= | to. **Maria se tú me amas de verdade responde esta carta** | que para mim será motivo | de grande alegria. | | Assino com [[com]] amor e | saudade de ti. | | Raimundo José Soares | | Brejinho 29 de. 6-57”. (CA\_M\_1957 – LeDoc)
- (7) “[...] As palavras que seguem fo= | ram ditadas por um coração que te | ama com um amor puro decidido | e leal. **Maria eu observei nas pala= | vras que Ømandastes dizer na carta | que tu ainda duvidas do meu amor | mas você não tem razão de assim | se expressar** porque eu lhe amo com | toda sinceridade e para mim, **digo | sem hipocrisia só existe você**[...]” (CA\_M\_SD – LeDoc)

Em (7), observamos um comportamento interessante do subsistema *VOCÊ/TU*. Há três contextos funcionais interligados para a segunda pessoa do singular. Numa mesma sequência enunciativa, a forma *TU* aparece, primeiramente, na categoria de sujeito não-preenchido, em seguida, ressurgue empoderada na categoria preenchida e, por fim, o escrevente adere ao emprego da forma inovadora *VOCÊ* preenchida. Em (6), nota-se o uso do subsistema *VOCÊ/TU*, no qual ambas as formas são marcadas com seus respectivos parâmetros de concordância em categoria preenchida. Salienta-se, também, a funcionalidade de *VOCÊ* enquanto complemento preposicionado.

No levantamento de dados das cartas dos anos 70, obtivemos as seguintes constatações sobre o preenchimento ou não do sujeito:

Variável intralinguística	VOCÊ	TU	OCÊ	TOTAL
Sujeito preenchido	310/586 (52,9%)	5/153 (3,7%)	1/740 (0,1%)	316/740 (42,7%)
Sujeito não-preenchido	276/586 (47,1%)	148/153 (96,3%)	0/740 (0,0%)	424/740 (57,3%)
TOTAL	586/740	153/740	1/740 (100%)	740 (100%)

Quadro 5. A posição de sujeito preenchido e não-preenchido 70.

Fonte: os autores.

A partir do quadro 5, nota-se que a forma *VOCÊ* mantém-se preferencialmente produtiva em categoria preenchida com 52,9% dos casos, o equivalente a 310 ocorrências. Enquanto isso, há um declínio de produtividade do *TU* nesse contexto. Constata-se 3,7% das ocorrências, o que equivale a 5 casos num total de 153. Em contrapartida, a forma canônica resiste no subsistema enquanto categoria não-preenchida com 148 casos num universo de 153 ocorrências (96,3%). O não preenchimento da categoria revela a resistência do *TU* na desinência verbal. Já a variante *OCÊ* (com já se esperava) apresenta-se em categoria preenchida. Os excertos (8), (9) e (10), ilustram tais evidências, respectivamente.

- (8) “[...] Querida **desde o dia que você foi embora nunca | masesquesi** um só memento de você ja | gostava muito de você mas agôra posso dizer | que amo uma linda morena[...].” (CA\_M\_1972 – LeDoc)
- (9) “[...]Tecaestá um esteve um pouco nervosa esta semana | e neste momento eu vou olhá-la no sítio. **Como sabes eu me preocupo | sempre com os outros**; principalmente quando estes me são queridos [...]” (CA\_F\_1974 – LeDoc)
- (10) “[...] Uma novidade; Dona Lia andou aquí e trouxe| um queijo para mim, **desta vez ocê perdeu**. Estava ótimo!| Mariinha veio com Calinda sexta feira; ainda está aqui [...]” (CA\_F\_1975 – LeDoc)

Sobre o fator concordância na relação sintática S-V, extraímos as seguintes ocorrências dos anos 50:

Paradigma de concordância S-V	Número de ocorrências	Relatividade percentual
Tu-2P	29 ocorrências	37,7%
Tu-3P	9 ocorrências	11,7%
Você-2P	0 ocorrência	0%
Você-3P	39 ocorrências	50,6%
TOTAL	77 ocorrência	100%

Quadro 6. Fator de concordância anos 50.

Fonte: os autores.

No contexto dos anos 50, constatamos o emprego de três padrões de concordância nas cartas sertanejas. Majoritariamente, destaca-se o uso pronome-sujeito *VOCÊ* com parâmetro de concordância original em 3P do singular. Já o pronome-sujeito *TU* revela-se funcional em dois contextos: *TU* com concordância em 2P e *TU* com concordância em 3P. Os exemplos (11) e (12) ilustram algumas ocorrências.

- (11) “[...] **Se você tiver | amigade a mim, tenhapasciência, que | eu de agora por diante vou** trabalhar | pra esse fim. Aqui <↑termino> pra não ti aborrecer | solicitando resposta <↑breve>subescrevo atenciosa- | mente a seu dimirador que tanto ti ama | que é, Raimundo José Soares [...]” (CA\_M\_1958 – LeDoc)
- (12) “[...] Ama | porque na realidade o amor que eu con<=> | sagro a **tua pessoa** é igual amo-te com | cinseridade e firmeza porque no meu | coração não há vaga lugar para outra | **tú unicamente tú ésdigna do meu | amortú és aquela que faz a minha | felicidade** e esta felicidade só estará | completa quando um dia nos [espaço] | acharmos unidos pelos laços matrimo<=> | niaes [...]” (CA\_M\_1957 – LeDoc)

Em (11), nota-se o comportamento de *VOCÊ* com o padrão de concordância em 3P. No excerto (12) tem-se o comportamento paradigmático “atípico” do pronome *TU* e, em (12), percebemos o uso de concordância padronizada para o pronome canônico de segunda pessoa do singular. Nesse excerto observamos, também, a incidência peculiar de uma fórmula de tratamento variante constituída por base pronominal-nominal<sup>4</sup>: tua pessoa.

Controlando o paradigma de concordância S-V, nas cartas dos 70, constatamos que, embora a forma inovadora *VOCÊ* fosse significativamente produtiva com o parâmetro original de 3P (79%), há algumas evidências dessa com marcação de concordância em 2P (0,52%).

Paradigma de concordância S-V	Número de ocorrência	Relatividade percentual
<b>Tu-2P</b>	147 ocorrências	19,9%
<b>Tu-3P</b>	4 ocorrências	0,58%
<b>Você-2P</b>	3 ocorrência	0,52%
<b>Você-3P</b>	39 ocorrências	79%
<b>TOTAL</b>	740 ocorrência	100%

Quadro 7. Fator de concordância dos anos 70.

Fonte: os autores.

Nesse contexto analisado, a forma canônica *TU* mostrou-se produtiva com a mesma relação paradigmática mista que o *VOCÊ*. Detectamos 4 ocorrência de *TU* em concordância com a 3P e 147 ocorrências (19,9%) em concordância original com a 2P. Os excertos (14), (15), (16) e (17), a seguir, ilustram os casos detectados.

- (14) “[...] Olhe | não tenho nem palavras para agradecer-te, Não sei mesmo, **qual o | motivo para você fazer assim**. Quando nos encontrarmos conversarei | melhor; pois agora não sei, nem me expressar [...]” (CA\_F\_1972 – LeDoc)
- (15) “[...] **como | você** estava tão ansiosa pra mim ir passar com você | mas não falta tempo pra mim ir este mes eu vou | depois do dia 20 eu estoarei pela ir é o tempo que você | tens chegado de São Sarafins (CA\_M\_1975 – LeDoc)

<sup>4</sup> Detectamos outra ocorrência dessa locução nominal empregada como *Vossa Pessoa*. Estamos, inicialmente, trabalhando na hipótese de que essa forma mantém uma relação de origem com a forma antecedente cerimoniosa *Vossa Mercê*, devido a sua fórmula composicional de pronome possessivo + substantivo + verbo em 3P (MENON, 1995).

- (16) “[...] Olha João o que leva-me a| escrever-te é justamente isto, pois eu queria muito que **tu continuasse| como eras antes**; um homem, Homem de verdade e não se-deixar-se| levar pela cabeças de colegas. O homem que não zela pela sua moral| ou melhor que não tem fossas morais ele não é homem, pois não| passa de um animal [...]” (CA\_F\_1975 – LeDoc)
- (17) “[...] Meu amor, desculpe os erros é porque eu estou um | pouco preocupada. Teca ~~está um~~ esteve um pouco nervosa esta semana | e neste momento eu vou olhá-la no sítio. **Como sabes eu me preocupo | sempre com os outros**; principalmente quando estes me são queridos [...]” (CA\_F\_1974 – LeDoc).

Com relação ao paradigma de concordância, evidenciamos que, na zona rural do interior pernambucano, há produtividade do subsistema de tratamento: *TU/VOCÊ* com concordância média; *TU* < 60% com concordância entre 10% e 39% (SCHERRE *et al.*, 2009; 2015; 2018) ou subsistema *VOCÊ/TU* nos termos de Lopes e Cavalcante (2011). Ressaltamos, também, que a forma canônica *TU* apresenta um paradigma de concordância misto com a 2P e com a 3P.

### 3.2 Análise Comparativa

Buscamos estabelecer uma análise comparativa do perfil comportamental das formas variantes (*TU~VOCÊ*) em posição sintática de sujeito e nas categorias preenchida e não-preenchida a partir dos dados obtidos sobre os contextos históricos analisados (anos 50 e 70). O gráfico, a seguir, ilustra as ocorrências das formas em posição de sujeito.

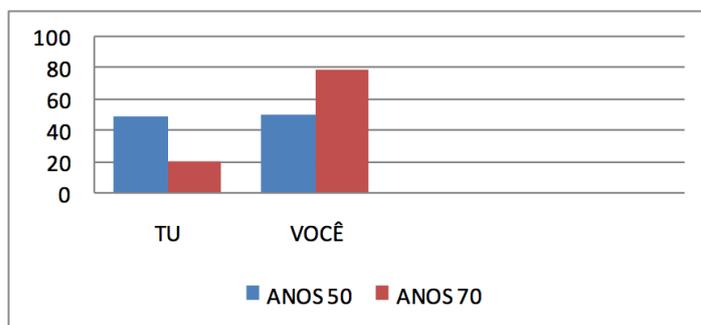


Gráfico 1. Comparativo de produtividade posição de sujeito.

Na comparação dos dados obtidos, conseguimos observar o aumento gradativo da preferência de uso do *VOCÊ* como pronome de 2P do singular ao decorrer dos anos. A forma inovadora, nos anos 50, concorre proporcionalmente com o *TU* e, nos anos 70, ocupada o espaço do pronome tradicional com 79,2% das ocorrências no geral. Na contramão do acréscimo, observamos o declínio de *TU*, chegando a marcar 20,7% de ocorrência nos anos 70.

Com relação ao preenchimento e não-preenchimento da categoria do sujeito, obtivemos os seguintes resultados:

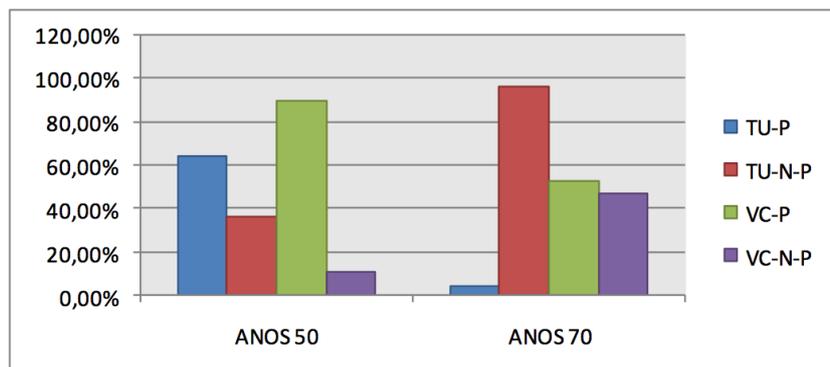


Gráfico 2. Comparativo entre categorias preenchida (-P) e não preenchida (-N-P).

Nota-se que na categoria não-preenchida, o *VOCÊ* apresenta um aumento ao longo dos anos, embora seu maior percentual de frequência mantenha-se enquanto categoria preenchida nos dois períodos analisados. O *TU*, em contrapartida, acaba perdendo espaço funcional como forma preenchida e destaca-se preferencialmente em forma de desinência verbal (não-preenchido), nos anos 70.

Em suma, evidenciamos que, no contexto sócio-histórico dos anos 70, podemos constatar uma elevada preferência dos missivistas pela forma inovadora *VOCÊ* como pronome pessoal de 2P do singular. Em contrapartida, *TU* evidencia-se mais em categoria não-preenchida. Diante desses dados, acreditamos, em consonância com Lopes, Rumeu e Marcotulio (2011), que essa distribuição complementar de *TU* não-preenchido versus *VOCÊ* preenchido dá indícios das mudanças linguísticas que vão se efetivar no quadro pronominal do português brasileiro na posição de sujeito. Quanto à relação de concordância S-V, verificamos a existência e a produtividade do subsistema de tratamento *VOCÊ/TU*, na zona rural do estado de Pernambuco.

### Considerações finais

Ao traçar o perfil das formas de tratamento *TU-VOCÊ* nas cartas sertanejas rurais pernambucanas, produzidas por escreves não-ilustre, na segunda metade do século XX (1956/58 e 1972/77), conseguimos incorporar ao mapeamento Sociolinguístico-Histórico das formas tratamentos, novos dados e uma nova amostra de textos sobre o passado linguístico do português brasileiro na região rural do estado de Pernambuco.

Na análise quantitativa sobre a variação dos pronomes de tratamento *TU* e *VOCÊ* na posição sintática de sujeito, encontramos algumas peculiaridades na documentação sertaneja. Primeiro, evidenciamos, numa perspectiva diacrônica, o uso do subsistema de tratamento *Você/Tu* (LOPES; CAVALCANTE, 2011). E, levando em consideração o paradigma de concordância, podemos evidenciar que, na documentação remanescente ao período analisado, já havia vestígio do atual subsistema de tratamento empregado no estado de Pernambuco: uso de *TU/VOCÊ* com nível de concordância média (SCHERRE *et al.*, 2009; 2015; 2018).

Outro aspecto observado refere-se ao contraste das evidências cronológicas apresentadas por Gomes e Lopes (2016) sobre o emprego de *TU* e *VOCÊ* em documentação oriunda da região metropolitana do Recife (capital do estado). Segundo as autoras, haveria uma generalização de uso do *VOCÊ* a partir de 1930. No entanto, constatamos que, na zona rural do estado, ainda nos anos 50, havia uma coexistência proporcional entre as formas variantes *TU/VOCÊ* e, posteriormente, nos anos 70, a forma inovadora *VOCÊ* passa a ganhar espaço no mesmo contexto funcional do *TU*.

Com relação à produtividade das formas em categoria preenchida e não-preenchida, evidenciamos que, nos anos 50, tanto o *TU* quanto o *VOCÊ* destacaram-se na função sintática de sujeito como categoria preenchida. Já nos anos 70, notamos maior preferência pela forma inovadora *VOCÊ* em categoria preenchida. Em contrapartida, *TU* destaca-se em categoria não-preenchida. Tal comportamento pode indicar um período de mudanças no sistema pronominal.

Com relação ao paradigma de concordância S-V e a funcionalidade das formas de tratamento em posição de sujeito, identificamos que, nos anos 50, o *TU* aparece com maior produtividade em concordância com a 2P, embora se mostre funcional com o paradigma de 3P também. Nesse contexto temporal, o *VOCÊ* aparece unicamente concordando com a 3P. Nos anos 70, constatamos que, tanto *TU* quanto *VOCÊ* mostram funcionalidade com paradigma de concordância misto (*TU* com 2° e 3° pessoa e *VOCÊ* com 2° e 3° pessoas).

Cronologicamente, evidenciamos que, por haver, no *corpus* sertanejo dos anos 50, uma coexistência equivalente entre as duas formas pronominais como estratégia de referência à segunda pessoa do singular, há uma similaridade nesse período com a segunda grande fase histórica (1900-1929) proposta por Souza (2012) perante comportamento variável das formas de tratamento *TU* e *VOCÊ*. De acordo com os dados levantados sobre os anos 70, comprova-se a existência da terceira fase histórica (1930-1989), na qual já se encontra um predomínio da forma inovadora *VOCÊ* em relação ao canônico *TU*, na zona rural do interior do estado de Pernambuco.

É importante ressaltar que os dados aqui descritos são preliminares, uma vez que pretendemos incorporar a este estudo os levantamos quantitativos referentes aos anos 90 e, posteriormente, complementar a análise aplicando o conceito de Tradição Discursiva - TD (KABATEK, 2006) e a dicotomia do poder e solidariedade idealizada por Brown e Gilman (1960).

## Referências

- BROWN, P.; GILMAN, A. The pronouns of power and solidarity. In: SEBEOK, T. *Style in Language*. Cambridge-Mass: MIT Press, 1960.
- CINTRA, Luiz F. Lindley. *Sobre formas de tratamento na língua portuguesa*. Lisboa: Livros Horizontes, 1972.
- FARACO, Carlos A. O tratamento você em português: uma abordagem histórica. *Fragmenta*, 13. Ed. Curitiba: UFPR, 1996, p. 51-82.
- GOMES, V. S.; LOPES, C. R. dos S. Formas Tratamentais em cartas escritas em Pernambuco (1869-1969): Tradição Discursiva e sociopragmática. *Relin*, n°21 Minas Gerais: Periódico em letras UFMG, 2016.
- GONÇALVES, C. R. De Vossa Mercê a Cê: Caminhos, percursos e trilhas. *Caderno do CNPF*, Vol. XIV, N°4, t.3. PUC: Minas Gerais, 2010.
- LOPES, C. R dos S; RUMEU, M. C. B.: MARCOTULIO, L. L. A variação VOCÊ e TU a partir do século XIX: o estado da questão. *Historia del portugués*, XVI congresso internacional de la ALFAL – ALCALÁ 2011. p. 3607-3616.
- LOPES, C. R. dos S.; RUMEU, M. C. de B.; MARCOTULIO, L. L. O tratamento em bilhetes amorosos no início do século XX. In: *As formas de tratamento em português e em espanhol: Variação mudança e função conversacional*. Niterói: Editora da Universidade Federal Fluminense, 2011. p. 315-349.
- LOPES, C. R. dos S.; CAVALCANTE, S. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Linguística*, Madrid, v. 25, p. 30-65, 2011.
- \_\_\_\_\_; CAVALCANTE, S. A cronologia do voceamento no português brasileiro: expansão de você-sujeito e retenção do clítico-te. *Revista Linguística*: Madrid, v. 25, p. 30-65, 2011. Disponível em: <[http://www.linguisticalfal.org/25\\_linguistica\\_030\\_065.pdf](http://www.linguisticalfal.org/25_linguistica_030_065.pdf)>. Acesso em: 20 jun. 2015.
- MENON, Odete P. S. A história de você. In: GUEDES, Marymárcia, BERLINCK, Rosane de Andrade. MURAKAWA, Clotilde Almeida de Azevedo (Orgs.). *Teoria e análise linguística: novas trilhas*. Araraquara: UNESP, 2006, p. 99-160.
- \_\_\_\_\_. O sistema pronominal do português do Brasil. *Letras*, Curitiba: Ed. da UFPR, n. 44, p. 91-106, 1995.
- MARCOTULIO, L. L. *Língua e História: o 2º marquês do Lavradio e as estratégias linguísticas da escrita no Brasil Colonial*. v. 1. Rio de Janeiro: Ítaca Comunicações, 2010.
- SAID ALI, Manuel. De “eu” e “tu” a majestade: tratamento de familiaridade e reverência. *Revista da Cultura*, 129. Rio de Janeiro, 1937, v. 5, p. 275.
- SOUZA, J. P. F. de. *Mapeando a entrada do você no quadro pronominal: análise de cartas familiares dos séculos XIX e XX*. Rio de Janeiro, Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2012.
- SCHERRE et al. Usos dos pronomes “você” e “tu” no português brasileiro. In: *II SIMELP*, Universidade de Évora.